

SIGNIFICADO DE PRESENÇA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

IRACI DE OLIVEIRA MORAES SCHMIDLIN, CASSANDRA RIBEIRO JOYE

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Diretoria de Educação a Distância

<iraciead@gmail.com>, <cassandra@ifce.edu.br>

Resumo. Este artigo tem o objetivo de discutir o conceito de Presença no contexto da Educação a Distância, bem como de apresentar as formas e classificações do conceito de presença. Quais são as formas de estar presente nas situações cotidianas, como na aprendizagem a distância, considerando o avanço das tecnologias digitais e da comunicação via *web*? O artigo traz pistas para responder essa pergunta, através de uma compilação bibliográfica e de levantamento de conceitos sobre o tema, com o objetivo principal de demonstrar formas de presença do aluno na EaD, além de discutir o conceito de presença e suas interrelações com os conceitos de educação, distância e ausência. A discussão contribui para estudos sobre a presença na educação, bem como para compreender o processo de aprendizagem do aluno, seja no contexto presencial, seja na modalidade semipresencial.

Palavras-chaves: Conceitos de presença. Formas de presença. Presença em EaD.

Abstract. This article aims to discuss the concept of presence in the context of distance education, and to submit the forms and the concept of presence ratings. What are the ways of being present in everyday situations, such as distance learning, considering the advancement of digital technologies and communication via the web? The article provides clues to answer this question through a literature compilation and lifting concepts on the subject, with the primary objective of demonstrating forms of presence of the student in distance education, and discuss the concept of presence and its interrelations with the concepts education, distance and absence. The discussion contributes to studies on the presence in education, as well as to understand the process of student learning, whether in the classroom context, both in blended mode. It is a retelling of the conceptual chapter of the dissertation of the same author, on the concept of presence.

Keywords: Presence. Distance learning. Concept.

1 INTRODUÇÃO

Para tratar de temas como a educação na era digital, aplicações das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na educação, educação a distância (EaD), mobilidade na educação ou a modalidade da *mobile-learning*, entre tantos outros assuntos emergentes, é inevitável discutir as mudanças ocorridas e os dilemas sociais postos por essas transformações, ainda em curso.

Em meio a esse tempo de incertezas e de rápidas transformações, a ideia de educação a distância e de utilização das TIC e da internet como ferramentas para a aprendizagem encontram mais adeptos a cada dia, ao mesmo tempo em que enfrentam dilemas a serem resolvidos de forma urgente no cenário educacional mundial.

Entre as limitações da modalidade a distância ou da utilização das TIC na educação, uma queixa comum à

EaD inspirou nossa problemática: o distanciamento que se pode enfrentar entre professor e aluno, entre os próprios alunos, ou entre aluno e conteúdo, nas modalidades a distância ou semipresenciais, que se utilizam largamente da mediação das TIC.

Para Coll e Monereo (*apud* MAURI; ONRUBIA, 2010, p. 125), a aprendizagem é entendida como resultado de uma inter-relação entre esses três vértices: professor, aluno e conteúdos. Desprovidos do contato físico diário, do contato direto e imediato com o docente, dos laços afetivos estabelecidos cotidianamente e presencialmente no lócus tradicional de aprendizagem, são conhecidas as queixas sobre a sensação de isolamento e de perdas significativas no processo de aprendizagem por conta do distanciamento.

Por outro lado, estar presente na sala de aula convencional, em contato imediato e face a face com a

turma e o professor, tampouco garantirá necessariamente essa proximidade entre colegas, professores e conteúdos, ou o senso de pertença ao grupo, elemento fundamental para a aprendizagem e a construção colaborativa do conhecimento, segundo Onrubia, Colomina e Engel (2010, p. 129).

Este artigo traz uma compilação bibliográfica e faz um levantamento de conceitos sobre essas questões, com o objetivo principal de demonstrar formas de presença do aluno na EaD, além de discutir o conceito de presença e suas interrelações com os conceitos de educação, distância e ausência. A discussão contribui para estudos sobre a presença na educação, bem como para compreender o processo de aprendizagem do aluno, seja no contexto presencial, seja na modalidade semi-presencial.

Sabe-se que a participação e o envolvimento em sala de aula (seja ela convencional ou virtual) muitas vezes são prejudicados pela própria timidez do aluno, ou pela dispersão gerada pelo contexto em que este se encontra, pelo excessivo número de alunos de algumas turmas, ou mesmo pela condição psicológica do educando no momento específico da aula / estudo, entre outros fatores. É preciso lembrar então que estar presente no local da aprendizagem também não será garantia de aprendizado.

Erving Goffman reuniu seis ensaios sobre a interação face a face em seu livro “Rituais de Interação” (GOFFMAN, 2011). A interação face a face é o tipo que ocorre durante a co-presença e por causa da co-presença, e em que estão envolvidos em breve período de tempo e uma extensão limitada no espaço. “Os materiais comportamentais definitivos são as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não” (GOFFMAN, 2011, p. 9).

Um dos ensaios trata sobre a alienação da interação, e o autor discute a questão do envolvimento dos participantes nas interações face a face e da atenção dispensada a essa interação. Para ele, “o envolvimento conjunto parece ser uma coisa frágil, com pontos padrão de fraqueza e decadência, um estado instável precário que, provavelmente, em qualquer momento pode levar o indivíduo a alguma forma de alienação” (GOFFMAN, 2011, p. 113).

Segundo Goffman, o indivíduo sempre pode negligenciar o foco de atenção preestabelecido e voltar sua atenção principal para algo que não está relacionado ao que está sendo discutido no momento: “se o indivíduo quer se envolver num tópico de conversação, ele terá que oferecer sua atenção auditiva e normalmente também visual para a fonte da comunicação, ou seja,

o orador, e especialmente à voz e rosto dele” (GOFFMAN, 2011, p. 120). Trata-se de um dos principais desafios para os educadores, independente do público alvo: identificar estratégias que conquistem a atenção dos alunos e os envolvam intelectualmente nas atividades e discussões propostas nos encontros em sala de aula.

Para além da questão da atenção e do envolvimento, Godoy afirma que, com o advento das tecnologias digitais, as expressões “estar presente” e “estar distante” assumem novos significados, uma vez que as TIC revolucionaram os sentidos tradicionais, criando uma multiplicidade de situações em que é possível e comum a presença do sujeito em ambientes a distância e seu distanciamento de ambientes presenciais (GODOY, 2009, p. 36).

Na verdade, desde o surgimento da escrita, a expressão “estar presente” já começou a assumir novos significados. Santaella (2007, p. 249) lembra que a cultura da oralidade primária, antes do surgimento da escrita, fazia com que as trocas exigissem obrigatoriamente os dois membros da interlocução. Qualquer informação que fosse ser passada, o seria de forma oral, com a presença física dos dois interlocutores no mesmo espaço e no mesmo tempo: necessariamente, seria uma interação face a face.

A escrita é a primeira quebra dessa obrigatoriedade, possibilitando que a informação pudesse ser registrada, ou preservada sem a presença pessoal, física. A comunicação passou a ter a possibilidade de se dar na ausência de um dos membros da interlocução.

E hoje, com a facilidade de conexão, de se trocar informações estando em qualquer parte do mundo, com a popularização das tecnologias e ferramentas digitais, sejam elas síncronas ou assíncronas, a noção de presença fica ainda mais movediça.

“Alguém que fala no telefone celular é parte e ao mesmo tempo está mentalmente afastado, até certo ponto, do contexto dos indivíduos que ocupam a mesma área espacial. O espaço se desdobra”, diz Gergen (*apud* SANTAELLA, 2007), que chama essa situação de desdobramento como um estado pervasivo de presença ausente.

Portanto, pesquisar sobre a presença na educação contemporânea e, mais especificamente, na educação a distância, significa compreender também a complexidade dessa presença ausente. E para conhecer como é estar presente em modalidades semipresenciais ou a distância, é necessário abordar não só o conceito de presença e suas formas, mais o de envolvimento, como também o de distância, participação, interação, interatividade e, ainda, relacionar esses conceitos com o con-

texto da educação, da tecnologia e da virtualidade.

2 CONCEITOS DE PRESENÇA

Partindo da etimologia da palavra, o termo “presença” tem sua origem do latim *praesentia*: “estar presente” ou “marcar presença”. Tradicionalmente e principalmente, o conceito de presença mais imediato e conhecido é o de presença física: “se refere à dimensão corpórea, ao comparecimento ou estada de alguém em algum lugar” (GODOY, 2009, p. 25), ou “a maneira natural como percebemos o mundo físico ao nosso redor” (ISPR, 2000 *apud* TORI, 2010a).

A partir das várias leituras sobre o conceito (ISPR, 2000; ALBUQUERQUE; VELHO, 2002; GODOY, 2009; TORI, 2002; TORI, 2010b; TORI, 2010a), pode-se entender que a definição de presença está diretamente ligada à esfera psicológica e subjetiva do indivíduo, de experiência, de percepção, de sensação. Em outras palavras: a pessoa se sente presente, vive a experiência de estar presente em um lugar, ou percebe a presença do(s) outro(s), sente-se presente com o(s) outros(s).

Tomando as definições de experiência e percepção da ISPR (2000), traduzidas por Romero Tori, temos que a experiência é o ato de uma pessoa observar e/ou interagir com objetos, entidades e/ou eventos em seu ambiente. Percepção, por sua vez, é definida como uma interpretação significativa da experiência (TORI, 2010a, p. 103). Porém, o conceito de presença não se resume à ideia de presença física. Como já exposto anteriormente, a partir do surgimento da escrita algumas palavras já eram suficientes para que o indivíduo sentisse, de alguma forma, em algum grau, a presença do outro.

Tomando o exemplo de uma carta: embora o remetente não esteja fisicamente ali, o leitor da carta pode sentir sua presença de alguma forma. A escrita, portanto, torna-se um elemento que intermedia essa presença do destinatário, que não está fisicamente presente, mas está, em algum grau, teleprensente.

Tratemos agora, portanto, do conceito de telepresença. De acordo com Ferreira (2011, p. 62), em Língua Portuguesa, segundo o dicionário Houaiss, o radical *tele* pode assumir três acepções, entre elas a de “longe, a distância”, como se pode perceber em telégrafo, telegrama, telepatia. Em outras palavras, o conceito de telepresença é estar presente, a distância.

Nesse raciocínio, a condição de estar presente, apesar da distância, não é um fenômeno novo ou que tenha surgido com as tecnologias mais recentes, como comumente se pensa. É bem verdade que o avanço das tecnologias vem contribuindo incessantemente para que essa telepresença se aproxime cada vez mais da sensação de presença física, ou natural, como alguns autores cha-

mam. Mas, conforme encontramos em Tori, “hoje não existe ainda tecnologia que possibilite a geração de uma sensação de presença idêntica à natural. Esse ponto será atingido somente quando o meio tecnológico se tornar totalmente imperceptível ao usuário” (TORI, 2010a, p. 103).

A discussão para delimitar o conceito de presença e telepresença, bem como de classificá-los, é muito ampla e sugere várias interpretações possíveis. Autores que se debruçam sobre essa temática comentam sobre a ambiguidade e confusão entre os termos. Childs (2013) coloca que existem termos diferentes para a mesma coisa, ao passo que o mesmo termo é usado para descrever coisas diferentes.

Doutor em Filosofia da Educação pela Warwick University (Inglaterra), Childs escreveu uma tese intitulada “Experiência de presença de aprendizes em mundos virtuais” (CHILDS, 2010) (tradução da autora). Childs coloca que o primeiro pesquisador a utilizar e definir o termo telepresença foi Marvin Minsky, em 1985, para significar a habilidade de agir a distância, e para descrever a experiência de pessoas operando algum dispositivo remotamente.

Dentre as definições para telepresença trazidas por Childs em sua tese, estão: “percepção ilusória [de estar em outro lugar] sem mediação; (...) mudança de foco de consciência do ambiente local para um remoto” (SAS; O’HARE, 2003 *apud* CHILDS, 2010, p. 36) (tradução da autora).

Por sua vez, a International Society for Presence Research (ISPR, ou em português, Sociedade Internacional de Pesquisas sobre Presença), utiliza os termos de forma diferente, inclusive abreviando o termo telepresença para presença, sem diferenciá-los, e complicando ainda mais essa diferenciação.

A ISPR é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, que tem o objetivo de apoiar pesquisas acadêmicas relacionadas ao conceito de telepresença. Construiu e publicou uma explicação sobre o conceito de telepresença, a partir de discussões anteriores (2000) entre os membros de uma comunidade de estudiosos interessados no conceito. Em consenso, a ISPR explica que toda experiência no mundo físico é intermediada pelos sentidos do ser humano e a partir de complexos processos de percepção (ISPR, 2000).

Essas experiências, identificadas como “experiências mediadas em primeira ordem”, são a forma “natural” ou “normal” pela qual é percebido o mundo físico, e que possibilita a sensação de estar presente no nosso meio. Embora essa experiência mediada em primeira ordem geralmente conduza a percepções que correspondem à real natureza do mundo físico, o contrário

também pode acontecer: é possível que surjam percepções que não correspondam à verdadeira natureza do mundo físico.

Exemplos colocados são as vozes escutadas na esquizofrenia, a imagem resultante do olhar do daltônico, as sensações e reações vivenciadas no sonho ou no sonambulismo, ou mesmo as reações de quem está sob o efeito de drogas ou entorpecentes.

Para os pesquisadores da ISPR a presença é, portanto, de toda forma, intermediada, atravessada, processada, seja por uma tecnologia, seja pelos nossos próprios sentidos (visão, audição, tato...). No mesmo rumo de pensamento, em outras palavras, Sodre (2008, p. 123) coloca que o real em si é inexistente: o que há mesmo são efeitos de objetividade, a que chamamos de realidade. O grau de realidade das coisas é determinado pela consciência humana, e Albuquerque e Velho (2002, p. 1) concordam: a presença e a realidade são conceitos de propriedade do indivíduo, que variam entre pessoas e suas subjetividades, além de variar também com o tempo.

Continuando a visão da ISPR, a telepresença se refere a um subconjunto de experiências do ser humano em que ocorre uma falsa percepção, envolvendo, pelo menos em parte, a tecnologia nessa experiência. Acontece quando a experiência do indivíduo (ou parte dela) é mediada não só pelos sentidos humanos naturais e seus processos de percepção, mas também por tecnologias desenvolvidas pelo ser humano, o que nos leva à ideia de “experiências mediadas em segunda ordem”.

Após discussões acerca do termo, os estudiosos dessa comunidade conceituam telepresença (geralmente abreviada para o termo presença, e é por essa abreviação que se instala a confusão entre os termos) no contexto dessa falsa percepção: como a ilusão ou sensação psicológica de estar em um ambiente remoto e distinto daquele em que se está fisicamente, chegando ao nível de não perceber o instrumento tecnológico de mediação nessa experiência (ISPR, 2000) (tradução da autora).

Na mesma compreensão, Witmer e Singer (*apud* STRAATEN, 2000, p. 5) definem a telepresença como a experiência subjetiva de estar em um lugar ou ambiente, embora se esteja fisicamente situado em outro lugar.

Vale destacar que se trata de definições de presença mediada a partir da tecnologia, ou seja, considerando a intermediação de um recurso tecnológico que possibilita ao sujeito fisicamente presente em um lugar, a sensação de presença, o envolvimento e a interação com um ambiente remoto, que não seja aquele em que ele (indivíduo) está.

Mirza Toschi também diferencia a presença física da telepresença, porém utilizando terminologias diferentes das que estamos utilizando aqui (TOSCHI, 2008, p. 32). Para ela, existe o presencial físico, forma de presença que se refere ao lugar real, na dimensão física do tempo, em tempos simultâneos e com os interagentes biologicamente presentes; e o presencial virtual, forma de presença que se refere ao espaço não real em que o indivíduo está (independente de esse lugar existir de forma concreta ou apenas virtualmente), onde tempo e espaço são definidos individualmente e relativamente (e que estamos chamando neste trabalho de telepresença).

Com explicação semelhante, Childs (2010, p. 37) (tradução da autora) aborda a concepção dessa presença virtual, que denota a sensação de presença em um mundo virtual, que não exista no mundo real, concreto, analógico. Como exemplo, pode-se citar a sensação de estar presente em um ambiente como o Second Life, ou mesmo um ambiente virtual de aprendizagem, como o Moodle.

Consideramos, portanto, essa presença virtual como uma especificidade da telepresença, uma vez que continua sendo um tipo de estar presente a distância.



Figura 1: Presença. Fonte: elaborado pela autora.

A partir de agora, utilizaremos o termo presença somente no amplo sentido, quando abarcar suas duas subdivisões: presença na forma física (também chamada de presença real ou natural) e presença a distância (telepresença, seja em mundos reais ou virtuais). Ao tratar da presença em uma dessas subdivisões (física ou a distância), chamaremos, respectivamente, de presença física e de telepresença.

3 FORMAS DE PRESENÇA

Tratando da presença no seu sentido mais amplo, a ISPR (2000) afirma que presença é um conceito multidimensional, e que existem diferentes tipos de presença. Pretende-se aqui fazer uma exposição de alguns desses tipos, a partir da visão dos vários autores.

Moore e Kearsley (2011, p. 247) afirmam que relevantes e recentes pesquisas se preocuparam com a presença dos tipos cognitiva e social. Dentre os pesquisadores, estão os canadenses Garrison e Anderson

(*apud* ONRUBIA et al., 2010, p. 217), que propõem o conceito de presença cognitiva, em torno da proposta da construção conjunta do conhecimento, e a definem como “grau em que os estudantes constroem significados a partir da reflexão e do discurso conjunto”.

A presença social é definida por Garrison e Anderson (op. cit.) como “a capacidade que os participantes de uma comunidade de indagação tem de projetar a si mesmos social e emocionalmente como pessoas ‘reais’ através do meio de comunicação que for utilizado”.

Gráinne Conole (2013), professora da Universidade de Leicester na área de inovações em aprendizagem, tem uma concepção de presença bastante voltada para esse aspecto relacional e social. A professora afirma que nossa presença no mundo virtual é fragmentada através de diferentes tipos de mídias (CONOLE, 2013). Além disso, a forma como o indivíduo se projeta no blog em que escreve, por exemplo, é diferente da forma em que aparece no Facebook ou no Twitter, pois cada “mídia” tem diferentes propósitos e audiências. A presença no contexto digital, segundo ela, é a forma como o indivíduo é percebido pelos outros, e só tem significado quando relacionada ao outro, pois é um construto social.

Para Onrubia, Colomina e Engel (2010, p. 219), a noção de presença social está diretamente ligada ao conceito da presença cognitiva, uma vez que “um bom número de pesquisas científicas destaca a importância da interação social e do senso de pertença ao grupo como elementos-chave para a aprendizagem e para a construção colaborativa do conhecimento”. A constatação científica de que a presença social tem alto potencial contributivo para resultados positivos na aprendizagem motivou diversas pesquisas em torno das dimensões afetivas, sociais e emocionais de alunos e professores.

Carrie Heeter (*apud* STRAATEN, 2000, p. 5) (tradução da autora), por sua vez, identifica três dimensões para o conceito de telepresença (assim como a ISPR, ela abrevia o termo para presença): pessoal, ambiental e social.

Para a presença pessoal, considera-se a ideia de experimentar sua própria presença na realidade virtual, no sentido de discernir e validar a existência de si mesmo nessa realidade. A presença ambiental acontece a partir de uma percepção da existência de um ambiente de imersão, que reage a você, e parece saber que você está lá. Por fim, para a pesquisadora, a presença social é sentida a partir da existência de outros seres no ambiente, que reagem a você, e parecem saber que estão lá.

A proposta de classificação da ISPR lista o que consideramos situações, consequências ou sensações que

surgem a partir do fenômeno da telepresença. Segundo os autores, são conceitos interligados e distintos, que descrevem situações diversas que envolvem telepresença, exemplificando com um comentário que supostamente seria feito pelos sujeitos envolvidos em cada experiência. Os autores afirmam ainda que essas definições não são excludentes, mas complementares.

Intitulado “The Concept of Presence: Explication Statement”, o texto reúne definições para telepresença a partir das sensações experimentadas pelos sujeitos, e tem relevância por ser citado e discutido quase de forma unânime nas pesquisas relacionadas à temática. Foram destacados aspectos que interessam a esse estudo, a partir da tradução de dois artigos brasileiros (SCHLEMMER; TREIN; OLIVEIRA, 2008; ALBUQUERQUE; VELHO, 2002), bem como tradução livre do texto original.

1. A [tele]presença¹ física ou espacial, a [tele]presença como imersão, a [tele]presença como meio de transporte ou a impressão de “estar lá” ocorrem quando a percepção da pessoa, ou parte dela, é conduzida a pensar que está em outro lugar ou ambiente, apesar da atuação de um recurso tecnológico, que fica como em segundo plano na percepção/memória/imaginação. Os sujeitos podem fazer o comentário “Parecia que eu estava em outro lugar!”.
2. A [tele]presença sensorial (...) ou o engajamento tátil ocorre quando o sujeito se percebe em outro ambiente, e suas sensações físicas correspondem àquele mundo em que está se percebendo, e não o mundo físico em que seu corpo realmente se encontra. Nesse contexto, a pessoa percebe que os elementos desse ambiente remoto (por exemplo, objetos, eventos e/ou pessoas) possuem aspectos visuais, sonoros, olfativos e táteis conforme teriam no ambiente físico em que está. Os simuladores de parques temáticos como o Universal Park, em Orlando (Flórida-USA), são bons exemplos de conduzir os indivíduos a sensações, como frio ou calor, perigo, vertigem, umidade do ar, contato com texturas, movimento de meios de transporte, contato com animais e até mesmo um espirro de um personagem. A tecnologia 3D é um dos recursos que possibilitam também, em certo grau, essa telepresença. Os sujeitos podem fazer o comentário “Parecia tão real!”.

¹ Como já colocado, a ISPR utiliza o termo presença como abreviação de telepresença (“a shortened version of the term ‘telepresence’”). O prefixo [tele], assim entre colchetes, foi acrescentado pela autora, para evitar ambiguidades.

3. O realismo social já é outro tipo de [tele]presença. Neste caso, a percepção do sujeito o leva à ilusão de que as características sociais são correspondentes ao mundo físico. Nesse contexto, a pessoa percebe que os elementos desse ambiente (por exemplo, objetos, eventos e/ou pessoas) existem ou poderiam existir no mundo físico. Como exemplo, a ISPR sugere o próprio ambiente do cinema, quando um filme bem escrito e bem atuado traz a versão cinematográfica de eventos que teriam ocorrido no mundo físico. Essa experiência pode levar o público do cinema a perceber que está em um ambiente no qual os objetos, eventos e as pessoas agem e/ou respondem da forma que o espectador acredita que eles fizeram ou fariam no mundo físico. Os sujeitos podem fazer o comentário “Parecia tão realista!”.

4. O engajamento, o envolvimento e/ou a imersão psicológica ocorrem quando parte ou a totalidade da percepção de uma pessoa é direcionada para objetos, eventos e/ou pessoas geradas a partir da tecnologia, ao passo que sua percepção é também distanciada de objetos, eventos e/ou pessoas do mundo físico em que ela está. A percepção do sujeito não é direcionada para a tecnologia em si, mas para os objetos, eventos e/ou pessoas que a tecnologia cria. Como exemplo, a ISPR cita também um filme bem produzido e bem escrito ou um sistema de realidade virtual que leve o telespectador a ignorar o mundo físico, tamanho é seu envolvimento com os elementos do ambiente virtual ao qual foi exposto. Os sujeitos podem fazer o comentário “Foi tão envolvente!”

5. No conceito de [tele]presença social (que é diferente de realismo social), tem-se uma dimensão que faz com que pareça que o sujeito está se comunicando com uma pessoa ou um grupo de pessoas. Esta dimensão pode ser experimentada em três formas:

- Interação parassocial: o sujeito está envolvido em uma comunicação bidirecional com outra pessoa ou grupo de pessoas, ou mesmo com uma entidade artificial (por exemplo, um computador “agente”), porém essa comunicação é unidirecional, com informações geradas a partir da tecnologia ou da mídia para a pessoa, sem realimentação ou real interação do outro lado. Como exemplo, pode-se citar apresentadores de TV que se utilizam de técnicas específicas para dar ao telespectador a impressão de que está interagindo di-

retamente com ele. Os sujeitos podem fazer o comentário “Parecia que estávamos interagindo!”.

- Co-presença ou transporte: espaço compartilhado: ocorre em casos de comunicação bidirecional, onde dois ou mais indivíduos conversam em locais diferentes, porém com a sensação de estar no mesmo local físico. O melhor exemplo para essa situação é a videoconferência (ou seu variante webconferência), em que um dispositivo audiovisual possibilita trocas comunicativas com áudio e vídeo. Os sujeitos podem fazer o comentário: “Parecia que estávamos todos juntos lá!”.
- Mídia como ator social: o sujeito está envolvido na comunicação com outro interagente, quando na verdade esse outro interagente é apenas uma tecnologia ou um meio de comunicação / mídia (televisão, computador, etc.). A capacidade de um computador de interagir com um usuário em tempo real, utilizando linguagem humana e cumprindo um papel social, como o de um caixa de banco ou de um professor, é um bom exemplo. Os sujeitos podem fazer o comentário: “pareceu como uma pessoa!”.

A Figura 2 ilustra as classificações trazidas neste artigo, em forma resumida.

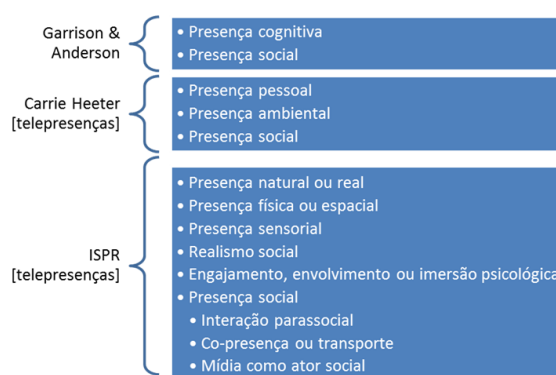


Figura 2: Tipos de presença. Fonte: elaborado pela autora.

4 DISCUSSÃO: A PRESEÇA NO CONTEXTO DA EAD

Em educação, “a partir do momento em que surge o termo ‘a distância’, todas as ações educativas que se

processam fora do ambiente virtual passaram a ser denominadas de 'presenciais' ", afirma (GODOY, 2009, p. 25). De forma geral e neste artigo especificamente, a educação presencial ou a modalidade presencial é aquela que "acontece nos ambientes físicos, contando com a presença física dos participantes e realizando explicações ou avaliações desse mesmo modo" (op. cit.).

Na educação presencial, o termo presença está diretamente relacionado ao de assiduidade, como "realização de forma constante dum compromisso de estar presente em determinado lugar num horário previamente estipulado"². Notem-se aí dois elementos fundamentais na descrição da presença física e da educação presencial: fixação do espaço ("determinado lugar") e do tempo ("horário previamente estipulado").

Godoy (2009, p. 25) pontua que *a priori* esse é o conceito de presença que é entendido em sala de aula, "quando o professor faz a chamada dos alunos, verificando quem ali está fisicamente". De acordo com a autora, na concepção tradicional de presença na escola, o termo também pode significar assiduidade ou frequência, constância ou inconstância de comparecimento. Por isso se diz que o aluno, ao final do semestre, obteve tal porcentagem de presença.

A educação a distância, por sua vez, tem em seu cerne a flexibilidade nas dimensões do tempo e do espaço. Isso significa, entre outras diferenças, que as formas de presença são outras, que não a presença física.

A presença como constância de comparecimento, utilizando as palavras de Godoy, seja ela em que forma ou em que modalidade de educação for, é fator imprescindível para a aprendizagem. Godoy coloca que, sem o fator presença, nenhuma atividade pedagógica existiria, por ser a Educação "um conjunto de ações interligadas, pressupondo um estado de atividade do sujeito - seja do que 'ensina', seja do que 'aprende' " (GODOY, 2009, p. 20). Nessa relação, não deverá haver passividade, e sim uma troca, ação bidirecional.

Segundo Tori, a utilização ou não de aparatos tecnológicos ou das TIC não é a questão central para se estabelecer qualquer nível de presença; é a interatividade o elemento fundamental:

Numa conversa telefônica, num bate-papo via comunicador instantâneo ou até mesmo num fórum de discussão é possível ao participante ter a sensação de presença social, de estar engajado com outras pessoas em atividades de interesse comum. Seja colocando-se todos os envolvidos em um mesmo espaço físico ou minimizando-se a percepção da tec-

nologia em atividades mediadas a distância, é possível a realização de atividades tecnicamente presenciais. Mas a verdadeira presença do aluno só pode ser obtida quando se consegue fazê-lo sentir-se socialmente presente, ou seja, sem barreiras de distâncias transacionais. Para tanto a interatividade é fundamental, sendo que as tecnologias interativas podem ser poderosos instrumentos para sua viabilização (TORI, 2010a, p. 10) (grifo da autora).

Nenhuma imersão virtual, nenhum tipo de tecnologia consegue substituir a presença física (LÉVY, 1999). As linguagens não verbais, as sensações advindas do espaço físico, o diálogo quase sempre ao alcance, são elementos que fazem da presença física um item fundamental para os sujeitos se sentirem socialmente presentes.

Em sua obra "Antropológica do Espelho", Muniz Sodré coloca que todo o empenho das tecnologias é substituir a sensorialidade natural - visão, audição, tato - por informação digitalizada, gerando realidades simuladas, mas realísticas e verossímeis. Citando Bernard Jolival: "a sensação de presença na realidade virtual é comparável ao processo de tomada de consciência pelo homem de sua própria existência no mundo real. Nós existimos no mundo virtual pelos mesmos sentidos e sensações que no mundo real" (JOLIVALT, 1996 *apud* SODRÉ, 2008, p. 121).

Em grande parte das metodologias de cursos na modalidade a distância, uma das prioridades de planejamento são os encontros presenciais, fundamentais para estabelecer laços entre os pares (professor-aluno, aluno-aluno, aluno-material, aluno-instituição, alunometodologia).

O contrato didático, que é um sistema informal de obrigações recíprocas entre professor e aluno nas relações didáticas (JOYE, 2013), é estabelecido no primeiro encontro presencial entre turma e professores tutores. As dinâmicas de apresentação, a compreensão da disciplina, a iniciação no ambiente virtual de aprendizagem devem ser elementos contemplados nesse primeiro contato, para diminuir ansiedades e sanar angústias comuns no início de um novo curso ou disciplina.

Entretanto, a partir dessa colocação de Tori podemos deduzir que alcançar essa dimensão de presença social pode dispensar o contato físico, embora seja muitas vezes facilitada por ele.

Entende-se ainda, pela afirmação de Tori, que é a presença social a dimensão de presença fundamental para o processo de ensino e aprendizagem: ela é a efetiva presença do aluno, estando ele fisicamente pre-

² <<http://pt.wiktionary.org/wiki/assiduidade>>

sente ou não. A presença física do aluno, em situações convencionais ou não virtuais, também permite alguma ausência ou falta de engajamento no aprendizado ou na atividade, quando a atenção está dividida entre o mundo físico / realidade, e um mundo mental de memórias, imaginações e planejamentos mentais de atividades (WITMER; SINGER, 1998 *apud* STRAATEN, 2000, p. 6).

É importante contrapor essa assertiva ao argumento comum de que o aluno a distância corriqueiramente se distrai ou evade do processo de aprendizagem pelo fato de que a internet permite conexões com diversos outros assuntos e atrativos que não o conteúdo e a sala de aula virtual. Para Witmer e Singer, as pessoas fatalmente irão transitar em mundos diferentes (físico e mental, para os que estão em um contexto de aprendizagem a partir da presença física; físico, mental e virtual, para os que estão em um contexto de aprendizagem a distância). O nível de atenção dispensado a cada um desses mundos é que vai determinar o nível de envolvimento e presença do aluno, esteja ele fisicamente presente ou não (WITMER; SINGER, 1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou, de forma geral, discutir os conceitos e as formas de presença no contexto da EaD. Inicialmente, discuti o conceito de presença, a partir das visões de diversos autores e grupos de pesquisa sobre a temática, contrapondo essas visões. Em seguida, trouxe reflexões sobre as formas de estar presente nas situações cotidianas, entre elas na aprendizagem a distância, considerando o avanço das tecnologias digitais e da comunicação via web, em um mundo preenchido pela informação, pela mobilidade, pela comunicação digital.

Acreditamos que os resultados deste levantamento bibliográfico, bem como as inquietações surgidas nesse percurso, são contribuições válidas para melhor entender os processos de aprendizagem de forma geral, bem como de escolher estratégias adequadas aos objetivos de aprendizagem do aluno, em propostas híbridas que explorem as potencialidades e os pontos fortes tanto da modalidade presencial quanto a distância, conforme as características do público-alvo e de cada curso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. L. P.; VELHO, L. *Presença em mundos virtuais*. [S.l.], 2002. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <http://www.visgraf.impa.br/Data/RefBib/PS_PDF/tr0204/presenca.pdf>.

CHILDS, M. *Learners' Experience of Presence in Virtual Worlds*. Tese (Doutorado em Filosofia da

Educação) — Institute of Education, University of Warwick, Coventry, 2010. 291f.

CHILDS, M. *The Body Electric*. 2013. Acesso em: 8 out. 2013. Disponível em: <www.markchilds.org>.

COLL, C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século xxi: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Ed.). *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONOLE, G. *The meaning of presence*. 2013. Acesso em 29 set. 2013. Disponível em: <<http://e4innovation.com/?p=684>>.

FERREIRA, R. G. Uma abordagem morfossemântica das formações tele-x no português brasileiro. *Linguagem: teoria, análise e aplicação*, v. 6, p. 61 – 74, 2011. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <http://www.pgletas.uerj.br/linguistica/textos/livro06/LTAA06_a04.pdf>.

GODOY, K. E. *Formação humana no ciberespaço: os sentidos da presença na educação a distância*. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) — Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 175f.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ISPR. *The concept of presence: Explication statement*. 2000. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://ispr.info/about-presence-2/about-presence/>>.

JOYE, C. R. *Didáticas e Metodologias do Ensino Médio e da Educação Profissional*. Fortaleza: SETEC/IFCE, 2013.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ONRUBIA, J.; COLOMINA, R.; ENGEL, A. Os ambientes virtuais de aprendizagem baseados em trabalho em grupo e na aprendizagem colaborativa. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Ed.). *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHLEMMER, E.; TREIN, D.; OLIVEIRA, C.
Metaverso: a telepresença em mundos digitais virtuais 3d por meio do uso de avatares. In: *Anais do XIX Simpósio Brasileiro de Informática Educativa - SBIE*. Fortaleza: [s.n.], 2008. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/726/712>>.

SCHMIDLIN, I. de O. M. *Estudo da Presença em Educação a Distância: o caso dos cursos superiores da UAB/IFCE*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) — Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. 131f.

SODRE, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

STRAATEN, P. van der. *Interaction affecting the sense of presence in virtual reality*. Delft: Delft University of Technology, Faculty of Information Technology and System, 2000.

TORI, R. Métricas para uma educação sem distância. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, v. 10, n. 2, 2002. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/2214/1976>>.

_____. *Educação sem distância*. São Paulo: Editora Senac, 2010. 254 p.

_____. A presença das tecnologias interativas na educação. *Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP*, v. 2, n. 1, 2010. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3850/2514>>.

TOSCHI, S. M. Toschi, mirza seabra. o tempo e o espaço na educação a distância. *EccoS - Revista Científica*, v. 10, n. I, p. 23 – 28, 2008. Acesso em: 13 mar. 2014. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v10n2/eccosv10n1_2a20.pdf>.

WITMER, B.; SINGER, M. Measuring presence in virtual environments: A presence questionnaire. *Presence*, v. 7, n. 3, p. 225 – 240, 1998.